

pandemia,  
paranóia e  
política

Roberto Calazans

Christiane Matozinho

## **Dos Riscos Paranóicos do Coronavírus: o inimigo ansiosamente esperado**

### **Pandemia e Terror**

A pandemia do novo Coronavírus, se pudermos fazer alguma análise sobre ela no momento em que ela ainda acontece, trouxe duas queixas constantes por conta das medidas de isolamento social, lockdown ou quarentena. De um lado, uma queixa bastante difundida entre os trabalhadores de classe média de que o trabalho flexibilizado em home-office, em que a diferenciação entre espaço de trabalho e espaço de descanso ou lazer ficam abolidas, tem trazido uma carga de trabalho bem maior do que o trabalho presencial. A auto responsabilização pela manutenção de seu posto de trabalho, faz com que seja abolida pelo sujeito a lógica de uma estrutura temporal de organização do trabalho. Conseqüentemente, o que temos é uma sobrecarga laboral, traduzida em cansaço, sobreposição do trabalho sob a vida privada, desimplicação do empregador em prover a salubridade das condições de trabalho, uma redução das garantias trabalhistas e uma diminuição salarial - resultado inversamente proporcional à demanda cada vez maior de produtividade. O home-office, apesar de sua falsa idéia de liberdade, não conhece agenda e todo momento pode virar momento de trabalho. Como diz uma amiga "Não há como mensurar o que é home-office dentro de uma pandemia". A ruptura da experiência do tempo implica em um cansaço indefinido uma vez que, como diz outra amiga, "parece que o dia de trabalho dura um dia inteiro".

De outro lado, em relação a uma parte da população precarizada que não tem qualificação necessária para o home-office, temos uma diferente queixa recorrente destes tempos pandêmicos -

queixa? está mais para temor! Sobre essa parte da população abate-se um dilema, já que, de um lado, sofre por medo de perder seu emprego - isto quando já não perdeu - por outro sofre por ter de retornar às atividades laborais sem a mínima segurança de que não será contaminado e não irá morrer ou levar a morte aos seus amigos e familiares. Basta vermos quem é que circula por aqueles que podem se manter em quarentena: os trabalhadores de aplicativos<sup>1</sup> - aqueles que não tem nenhuma garantia trabalhista, por serem considerados empreendedores, inteiramente desassistidos diante da pandemia, colocando seus corpos em jogo para garantirem sua sobrevivência, na medida em que sem bens e estabilidade, só possuem sua força de trabalho - sendo obrigados à escolha forçada: a bolsa ou a vida?. Essas duas queixas relativas aos efeitos da nova conformação do mundo do trabalho em tempos neoliberais, não foram inauguradas pela pandemia, porém foram agravadas pelos efeitos econômicos e políticos desencadeados pelo vírus.

A pandemia não é um fenômeno exclusivo de ordem biológica, ela é também política, na medida em que seus efeitos se acirram diante do colapso do sistema de saúde mundial, enxutos durante décadas pelas políticas de retraimento do Estado e de privatizações. É inegável a marca neoliberal nas políticas de destruição dos serviços públicos, através de medidas como a Emenda Constitucional do Teto dos Gastos Públicos que alterou a Constituição brasileira de 1988 para instituir o Novo Regime Fiscal que congela por 20 anos o investimentos em políticas públicas como saúde e educação. A inexistência de um sistema público de saúde como nos EUA, ou a falta de leitos de

---

<sup>1</sup> São aqueles trabalhadores que se cadastram em aplicativos como uber ou rappi para atender demandas de comunidade e que, geralmente, trabalham 12 horas ou mais seguidas sem direito a pausas para almoço, fim de semana, etc Desde a Reforma Trabalhista o número de trabalhadores de aplicativos tem aumentado exponencialmente.

UTI em hospitais, ou de profissionais distribuídos em todo território nacional para o atendimento da COVID-19, são reflexos dessa política de retraimento estatal, em prol da lógica neoliberal de livre mercado. Neste sentido, se o Estado é também produtor da crise, sua resposta a essas queixas relativas ao campo do trabalho não poderia ser diferente da posição que sustentou até aqui. A proteção do capital que vemos na campanha da classe média alta e grandes empresários contra o isolamento social com o argumento de que não se pode parar a economia - e muito menos os seus lucros, é também encampada em nível político pela Presidência da República do Brasil. Para salvar a economia, um movimento "negacionista", defendido por empresários, promove grandes carreatas, que minimizam o impacto da pandemia (ainda que de dentro de seus carros os empresários estejam de máscaras), conclamam a reabertura do comércio e a retomada dos postos de trabalhos pelos mais pobres, bloqueiam inclusive passagens de ambulâncias e fazem buzinaço em frente aos hospitais que abrigam pacientes contaminados com a COVID-19, flertando obviamente com a seleção natural. Vemos, então, queixas a respeito de uma aceleração da sociedade do cansaço<sup>2</sup>, da extensão da precarização das relações trabalhistas para o conjunto da classe trabalhadora e o desejo de que essa extensão aconteça por parte da sociedade que detém os meios de produção.

O que se vê é que a Pandemia, longe de apontar a decadência capitalista neoliberal, entranhou-se e através da crise e do colapso faz sobreviver sua ideologia. Assistimos a especulação de preços, sem nenhuma intervenção do Estado, o recuo dos direitos trabalhistas, a justificativa para medidas econômicas restritivas, tudo isso apontando menos a falência da lógica neoliberal e mais o seu vigor. A mão visível do mercado faz coadunar-se com a invisibilidade do

---

2 Chul-Han, Byung. A sociedade do cansaço. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

vírus, manipulando a falsa sensação de segurança e insegurança a favor do mercado.

Como aponta Naomi Klein, em seu livro "A Doutrina do Choque", são situações de caos e desorientação que se tornam terrenos propícios para aprofundamento de projetos neoliberais, para a chamada doutrina do choque (ou o capitalismo de desastre, como chamam atualmente) desenvolvida por Milton Friedman na Escola de Chicago, cujo projeto experimental foi o Chile de Pinochet que desde outubro de 2019 está em convulsão social por conta justamente dessas políticas neoliberais<sup>3</sup>.

Resumidamente, o que a escola de Chicago tomou como "doutrina do choque" é o *modus operandis* do sistema neoliberal que se utiliza de "crises", e aqui elas podem ser reais ou criadas, para implementar políticas impopulares e neoliberais que em situações de "normalidade" seriam tomadas como impossíveis de serem aceitas, mas que diante de uma situação de exceção provocada pela crise se torna uma "política inevitável". Como aponta Klein, a Doutrina do Choque é uma estratégia política que consiste em usar crises em larga escala para promover políticas que sistematicamente aprofundam a desigualdade, enriquecem as elites e minam os demais. Para Friedman, a crise instaura a dimensão da impotência provocada pelo horror do choque, facilitando a imposição de medidas impopulares. Não é isso que assistimos politicamente diante da epidemia no Brasil hoje?

O governo brasileiro, diante da crise da saúde e econômica, desenha a implantação e negociação de medidas neoliberais de austeridade. Vimos a negociação da PEC Emergencial, que dentre outras atribuições corta salário e jornada de trabalho de servidores durante momentos de crise fiscal, como condição de liberação do auxílio emergencial de

---

<sup>3</sup> <https://www.otempo.com.br/mundo/revolta-no-chile-razoes-que-levaram-as-manifestacoes-no-pais-1.2253512>

R\$600,00 reais. Isso tudo sob a alegação de que não se trata necessariamente de corte de gastos, mas sim de injetar dinheiro na economia. Além desta, temos a Medida Provisória (MP) 936/2020, que institui o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda e autoriza redução de jornada de trabalho e de salários e a suspensão de contrato de trabalho mediante acordo individual entre empregado e empregador, admitindo que durante a crise, acordo trabalhista prescindia da participação do sindicato. Assim, percebe-se que a crise desencadeada pela pandemia, torna-se o terreno propício para a aprovação destas medidas.

A pandemia parece atualizar o que Foucault diria sobre as utopias socialistas e as capitalistas: enquanto as socialistas têm a propriedade de nunca se realizarem, as capitalistas têm a má tendência de se realizarem frequentemente<sup>4</sup>. Longe de implicar o fim do neoliberalismo, como muitos têm apontado em vários textos, vemos que aquilo que pensávamos que poderia aparecer em um futuro distópico, parece ter encontrado a ocasião para a radicalização da concentração de riquezas acompanhada do aumento do contingente de pessoas descartáveis para a grande massa da população mundial, não apenas baníveis como os trabalhadores de aplicativos ou em home-office<sup>5</sup>, mas também matáveis<sup>6</sup> por estarem expostos aos riscos da contaminação do novo Coronavírus em uma situação de precariedade social, econômica, sanitária e ambiental. Trata-se do que Klein vai chamar de

---

4 "De fato, há duas espécies de utopias: as utopias proletárias socialistas que têm a propriedade de nunca se realizarem, e as utopias capitalistas que têm a tendência de se realizarem frequentemente" (Foucault, 1997: 110).

5 "Os *big data* inauguraram uma nova *sociedade de classes digital*. Quem está na categoria "lixo" pertencem à categoria mais baixa. Aos indivíduos com pontuação ruim são negados empréstimos. Logo, junto ao pan-óptico surge o "ban-óptico". O pan-óptico monitora os internos incluídos no sistema. O ban-óptico é um dispositivo que identifica as pessoas estranhas ou hostis ao sistema e as *exclui* (em inglês: *to ban*) O pan-óptico clássico serve para disciplinar; os ban-ópticos garantem segurança e a eficiência do sistema" (Chul-Han, 2018: 91).

6 "(...) aquelas formas de soberania cujo projeto central não é a luta pela autonomia, mas "a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações" (Mbembe, 2018: 10)

"zona de sacrifício", territórios eleitos para a ação predatória das elites, onde a insalubridade marca a condição de existência dessas pessoas que nestas zonas vivem.

Mas essa ocasião de radicalização do projeto neoliberal diante de uma pandemia, nos parece, traz em seu bojo uma peculiaridade que permite também pensarmos em Freud e seu texto O Estranho<sup>7</sup>. Freud vai dizer que uma das faces maiores de terror, em estética, não é aquilo que é claramente monstruoso ou deformado e sim aquilo que, ao contrário, traz um estranhamento diante do familiar. É o que é mais próximo, o mais cotidiano que, por uma pequena diferença, traz o estranho e, conseqüentemente o sentimento de terror. Ora, a Covid-19 não é ela também um estranho no seio do familiar? A dimensão do estranho está posta cada vez que alguém se refere ao vírus como "novo corona" - o adjetivo "novo" nos remete ao seu outro. O estranho familiar, que replica seu material genético, apoiado nas minhas células. Pode apresentar sintomas de uma gripe comum, mas não sabemos direito como se dá o contágio e, assim, outra pessoa pode desenvolver sintomas mais graves que podem levar à morte; pode-se se tratar do mesmo modo que se trata outras gripes, mas pode gerar infecções renais ou cerebrais; pessoas podem estar contaminadas e serem assintomáticas, mas podem transmitir de maneira violenta para outras pessoas.

Vemos este terror acompanhar uma outra categoria de trabalhadores que, a princípio, seriam os que mais estariam aptos para lidar com ele: os trabalhadores da área de saúde, que estão diretamente no enfrentamento da COVID-19. Esses profissionais, para os quais a dimensão da vida privada se encontra abolida, já que vivem integralmente a função de profissionais de saúde, estão quarentenados de suas famílias, morando

---

7 Freud, Sigmund. (1919). O estranho. Em: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1996. pp. 237-270

em apartamentos ou hotéis para não contaminar seus familiares, solitariamente lidando com o horror de perder pacientes e colegas de trabalho que ou estão morrendo ou sendo afastados de seus postos. Expostos ao risco cotidianamente, trabalhando várias horas ao dia, sem uma rotina, convocados a superar os limites possíveis diante da precariedade do sistema de saúde e carência de trabalhadores qualificados, cabe somente a eles cuidar para que não se contaminem. Diante da pergunta: "quem cuida de quem cuida?", a resposta parece sempre apontar para a responsabilidade individual do sujeito. E é esta responsabilidade individual, que faz com que esse profissional tema por sua vida, e se isole por temer a contaminação de pessoas próximas. Poderíamos dizer que isso relaciona-se ao terror de que atitudes mais prosaicas possam gerar a contaminação e de que uma pessoa possa ser o vetor da morte de uma série de familiares e amigos.

Mas este terror não fica restrito aos trabalhadores da área de saúde. Como nos contou outra amiga: "*Cara, e eu que tenho sintomas paranoides que alguém infectou a maçaneta do carro de propósito!? Fiquei assim depois de um vídeo que o cara tirava a máscara, cuspi o dedo e passava o dedo nos ferros de segurar o metrô*". Temor nada injustificado se pensarmos que, no início dos casos nos Estados Unidos o jogador de basquete Rudy Gobert, pivô francês do Utah Jazz, zombando da pandemia, passou a mão nos microfones dos jornalistas<sup>8</sup>. Tendo logo em seguida seu diagnóstico confirmado, ele foi o pivô agora da suspensão do campeonato americano de basquete, levando aos jogadores de todos os times a uma testagem geral. Este terror se amplia com o isolamento social, fazendo com que a possibilidade de proximidade com o outro se torne um risco, convertendo o *estranho*

---

<sup>8</sup> <https://veja.abril.com.br/esporte/jogador-infectado-que-causou-suspensao-da-nba-havia-zombado-do-Coronavirus/>



em um trauma generalizado, e não apenas o reflexo de um ou outro indivíduo.

Se utilizamos a palavra *terror* é porque, para Freud, ela anda junto com o *estranho*. Foram elaboradas no mesmo momento entre os anos 1918-1919, quando Freud estava às voltas com as consequências terríveis que a Primeira Guerra Mundial e a Pandemia da Gripe Espanhola trouxe para o mundo. A guerra e o vírus, elas mesmas podem ser manifestações do estranho familiar. Basta ver o sentimento desencadeado por elas: o terror. O *terror*<sup>9</sup> não é um medo, capaz de encarnar o perigo em um objeto preciso, nem mesmo angústia, sinal que alerta a iminência de se repetir o perigo. Trata-se da invocação do desamparo e da estranheza, produzidas pela impotência do sujeito diante de uma situação para a qual ele não se encontra preparado. Essa situação não necessariamente se trata do que não é familiar, trata-se antes de ser convocado a lidar com uma mudança de estado para a qual todas as respostas anteriores não são mais suficientes. O terror aparece como efeito diante do despreparo e desamparo do sujeito desencadeados por uma situação traumática. Uma das fontes das quais Freud extrai as noções de estranho e de terror são dos sonhos traumáticos e das neuroses de guerra, ou seja, de uma situação tão traumática em que os sujeitos sonham não apenas com uma situação que seria distinta dos horrores da guerra ou da vida, mas sonham justamente com os horrores da guerra. Os discursos de nossas amigas indicam bastante isso: uma situação atual, pontual, mas que se torna onipresente em todas as dimensões da vida como a pandemia.

Charlotte Beradt escreveu o famoso "Sonhos no Terceiro Reich" justamente sobre estes sonhos que não precisam de uma guerra para vislumbrar o terror, aqui de outra natureza: o terror do

---

<sup>9</sup> Freud, Sigmund (1920). Além do Princípio do Prazer. Em: Freud, Sigmund. Obras Completas. vol. 14. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1920. pp121-178

regime totalitário fascista. Com a ascensão de Hitler, antes da Segunda Guerra Mundial, muitos alemães já sonhavam com a mudança que essa vida havia trazido. Os restos diurnos não eram plenamente trabalhados pela lógica da transformação inconsciente, mas reproduziam e esclareciam justamente aquilo que era impossível de falar abertamente em um estado cada vez mais totalitário<sup>10</sup>: o emudecimento crescente do dissenso; da impossibilidade de se esconder em um mundo de delatores; o aumento da burocracia; a submissão voluntária ao terror do fascismo; a eugenia e a assimilação do ideário totalitário. Assim como na época do Reich, quando uma dimensão do terror levava a uma desconfiança generalizada em relação a todos, a COVID-19 atualiza essa precariedade do laço social. Como nos lembra uma quarta amiga<sup>11</sup>: *"Eu estou ficando meio paranóica com a proximidade das pessoas. Me lembro das animações que vazaram sobre a propagação do vírus no ar. Tento passar o mais distante possível de pessoas que estão sem máscara, quando possível, claro. Para completar o relato, ontem cheguei de carro, fui à minha mãe entregar as compras dela. Estacionei e vi que tinha uns vizinhos batendo papo no caminho da escada e do elevador, sem máscaras, claro, como se nada estivesse acontecendo. Fiquei no carro alguns minutos esperando eles terminarem o papo, e nada. Depois de alguns minutos - sei lá, uns 5 minutos talvez, eu decidi sair, e iria dar a volta por outro caminho, pela rampa dos carros. Nesse momento, eles se dispersaram, aí eu subi as escadas."*

---

10 "Tudo isso é desvendado pelo sonho: ele não mostra a realidade exterior, como esta se apresenta no dia a dia, mas sim uma estrutura nela escondida. Os sonhos revelam forças propulsoras secretas e a obrigação de se adaptar a partir das quais as ondas de entusiasmo foram colocadas em movimento, carregando ou arrastando as pessoas na época. Eles apresentam ao mesmo tempo, sem piedade, uma conta fatal, que não pode ser paga. Nesse sentido, nossas testemunhas foram verdadeiramente realistas (Reinhardt Koselleck, 2017: 177).

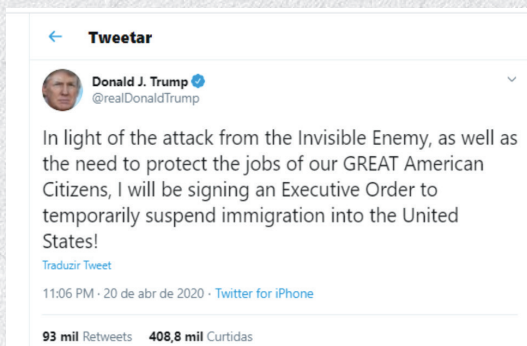
11 Sim, temos muitos amigos. Ainda bem! Mas os trechos selecionados das mensagens de amigas partiu de uma pergunta que fizemos em vários grupos de Whatsapp: qual o impacto sobre sua força de trabalho a pandemia trouxe?

O terror embarga a possibilidade daquilo que Freud chamava de elaboração. Na situação do novo Coronavírus, o que poderia favorecer a elaboração e, talvez, diminuir a tensão do terror seria a testagem em massa para COVID-19. Mas parece que aqui a COVID-19 demonstra a realização da utopia neoliberal: afinal, a falta de testes, ventiladores mecânicos e máscaras é resultado da migração das maiores indústrias para a Ásia - China, Singapura, Índia, Coreia do Norte - em que legislação trabalhista e ambiental é praticamente inexistente ou amplamente desrespeitada não somente pelos governos, mas pelas empresas que preferem estar lá, tornando precário hoje não apenas trabalhadores, mas países que não tem como produzir na mesma escala em que o vírus se propaga pelo mundo. Isto deu início a uma guerra de pirataria e de assaltos a compras desses países: Estados Unidos conseguiu desviar carregamentos que iriam para o Brasil, para a Europa e Canadá fazendo o jogo de *"quem tem mais dinheiro para oferecer aos asiáticos, leva"*. Alemanha fez o mesmo com ventiladores mecânicos comprados pelo Maranhão; o desgoverno brasileiro fez o mesmo com o Paraguai e com os demais estados de federação a ponto de abrir processo contra o governador do Maranhão que conseguiu comprar da China por uma rota alternativa. Se o neoliberalismo é globalizado e o vírus não conhece fronteiras, a pandemia demonstrou que o real do neoliberalismo - propriedade privada e concorrência individualista - é característico hoje também dos Estados. Este terror não somente realiza utopias; ele desvela o que já havia sido realizado na sua face mais crua e cruel.

Se os sonhos no Terceiro Reich demonstravam a estrutura da ascensão do nazismo, hoje, a fala coletada na clínica e em diversos grupos de amigos nos desvelam a estrutura que o terror em relação à COVID-19 traz para as massas: o medo paranóico do Outro. E é nesta situação de terror e de trauma generalizado engendrado pelo vírus,

que o neoliberalismo encontra a ocasião perfeita para aprofundar suas utopias.

## A paranóia como sustentação de uma lógica neoliberal



Falamos algumas vezes em utopia do neoliberalismo. Utilizamos também o termo paranóia. Como veremos a seguir este uso não é em vão. A todo momento escutamos que não devemos politizar a pandemia e que o vírus não tem ideologia<sup>12</sup>. O curioso é que escutamos isto de atores políticos. E esta expressão é utilizada tanto no sentido de defesa de posicionamentos técnicos em relação ao enfrentamento da pandemia, quanto no sentido daqueles que acusam ao outro de se aproveitar do vírus ou para desestabilizar governos ou para impor uma ideologia que seria nociva.

O caso mais emblemático desse posicionamento, dentre os mais recentes, como não poderia deixar de ser, é o do chanceler brasileiro<sup>13</sup> que, ao tentar refutar o texto do filósofo esloveno Slavoj Žižek sobre a pandemia, o acusa de promover um vírus que seria ainda mais perigoso: o *comunavírus*. A pandemia seria a ocasião para a preparação do comunismo e uma nova ordem mundial sem nações ou liberdades, subvertendo a democracia liberal e a economia de mercado para escravização de corações e mentes. O chanceler disse ainda,

12 O mais emblemático é a troca de amabilidades entre o governador de São Paulo, João Dória, tucano que levou seu partido para um neoliberalismo desenfreado e o ex-presidente Lula, do Partido dos Trabalhadores.

13 <https://www.metapoliticabrasil.com/post/chegou-o-comunav%C3%ADrus>

que as portas do inferno do comunismo haviam sido fechadas com a derrocada da União Soviética, mas que a pandemia acabou a reabrindo com os riscos de acabar a liberdade individual, seja de indivíduos, seja de Estados-Nações. E o inimigo do comunismo seria, em última instância, o espírito humano.

Žižek respondeu simplesmente que o chanceler não entendeu nada, que não quer impor nada e que apenas analisa as medidas emergenciais que estão sendo tomadas em diversos países e que vão na contramão do ideário da lógica concorrencial do mercado, o que seria inimaginável há seis meses atrás. Em seu mais recente livro, Žižek diz que não se trata de achar que todos estão acordando para um comunismo já presente, mas apenas que "meu argumento é que mesmo acontecimentos horríveis podem ter consequências positivas imprevistas"<sup>14</sup>. O grande cinismo dessa posição do chanceler é esquecer que quem está à frente de governos tem hoje poder político e midiático para estar em mais lugares do que qualquer um que venha a defender o retorno do comunismo. Se para Žižek pode ser uma oportunidade de um laço solidário, para o neoliberalismo é a ocasião de aprofundar ainda mais o que já faz. Se Žižek fala em uma utopia em que a solidariedade seria a renovação da esquerda por vir, o chanceler apresenta uma contraposição entre o demônio da esquerda que faria o mal e o liberalismo que é a realização única possível da liberdade. A contraposição entre o mundo que pode acabar e a única opção possível demonstra um estilo paranóico não somente na argumentação, mas também no modo de fazer política e mobilizar as massas: encontra na ocasião do terror real da pandemia, a ocasião do terror político para as massas como vemos nos discursos da extrema-direita não somente no Brasil, mas também no mundo.

Estilo paranóico? Sim, e podemos estabelecer algumas características nos discursos da extrema-

---

14 Žižek, Slavoj. Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo (Pandemia Capital) . Boitempo Editorial. Edição do Kindle, 2020.

direita no poder que nos leva a essa consideração: a necessidade de construção de um grande inimigo insidioso e invisível que pode ser tanto o vírus, como o tal coronavírus; a necessidade de comprovar de que há uma conspiração em curso tomar as liberdades individuais e as fronteiras nacionais fechadas; a necessária destruição de um mundo a favor de um único possível que é o da propriedade privada, da concorrência e do livre comércio como uma realidade que teria se imposto, a partir da queda do muro de Berlim. Encontramos aqui a mesma estrutura de um delírio, tal como elaborada por Jean-Claude Maleval, a partir da indicação de Jacques Lacan<sup>15</sup>: parte-se de um momento de perplexidade que é trazida pelo terror da pandemia; tenta-se dar conta deste terror através da certeza de um complô que tenta localizar em um inimigo; localiza o inimigo na política e nas ideologias e termina com uma missão de redenção do mundo em defesa do neoliberalismo em torno de líderes carismáticos com a missão de destruição de qualquer ameaça que possa romper o laço do mundo novo.<sup>16</sup> Podemos aqui parafrasear François Jacob<sup>17</sup> ao dizer que se o vírus não tem ideologia, a ideologia hegemônica está utilizando do vírus para aumentar ainda mais seu impacto sobre a população a partir da gestão do medo.

---

15 "Objeto de horror para o sujeito, inicialmente, depois aceita como um compromisso razoável e, desde então, decisão irreversível e motivo futuro de redenção concernente ao universo" (Lacan, 1958/1998: 570).

16 As etapas lógicas do delírio podem ser encontradas em Maleval, Jean-Claude. *Lógica del delirio*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1998

17 "Porque não é apenas o interesse que leva os homens a matarem-se mutuamente. É também o dogmatismo. Nada é tão perigoso como a certeza de ter razão. Nada causa tanta destruição como a obsessão de uma verdade absoluta. Todos os crimes da história são consequência de algum fanatismo. Todos os massacres foram cometidos por virtude em nome da verdadeira religião, do nacionalismo legítimo, da política idônea, da ideologia justa; em suma, em nome do combate contra a verdade do outro, combate contra Satanás. A frieza e a objetividade que se reprovam tantas vezes nos cientistas, talvez sejam mais úteis que a febre e a subjectividade para discutir certos assuntos humanos. Porque não são as ideias da ciência que provocam as paixões. São as paixões que utilizam a ciência para sustentar sua causa. A ciência não conduz ao racismo e ao ódio. É o ódio que faz apelo à ciência para justificar seu racismo. Podem criticar certos cientistas pelo ardor com que por vezes defendem as suas ideias. Mas nenhum genocídio foi ainda perpetrado para fazer triunfar uma teoria científica" (Jacob: 1989: 10). Jacob, François. *O jogo dos possíveis*. Lisboa: Gradiva, 1989.

É o que podemos apreender da ampla concorrência entre os países em busca de equipamentos e seu concomitante fechamento de fronteiras: se o neoliberalismo concretiza a utopia de negar qualquer garantia trabalhista ao trabalhador, é porque ele traz uma outra face do terror: a concorrência perpetrada pelos países só se sustenta na lógica paranóica de desconfiança e perseguição generalizada. Seja a lógica do terror desencadeada pelo novo Coronavírus, seja a lógica da concorrência e fechamento das fronteiras e a política do inimigo-nação a ser derrotado.

Há uma relação entre política e a paranóia. Para a psicanálise, a paranóia é um modo de defesa - assim como a histeria, a neurose obsessiva - onde o propósito é rechaçar uma idéia que é incompatível com o ego, projetando seu conteúdo no mundo externo. Na paranóia há uma violência, um desejo de morte, a marca de um gozo excessivo e obscuro que é externalizada, projetada no Outro. É a esse Outro que o paranóico endereça a sua hostilidade e seu investimento, construindo um inimigo em torno do qual o ele concentrará a sua atenção. Freud afirma que, na paranóia, há um abuso do mecanismo psíquico de transposição ou projeção para fins de defesa. *"O que é que as pessoas sabem a nosso respeito, de que nada sabemos e que não podemos admitir?"* <sup>18</sup>

Na paranóia, o conteúdo e o afeto da idéia incompatível são mantidos, porém, projetados no mundo externo. Assim, a idéia delirante construída em torno da projeção é sustentada com o mesmo investimento com que a outra idéia, aquela insuportável, foi rechaçada do ego. Freud, ao exemplificar a atuação de defesa da paranóia, além de nos apresentar exemplos clínicos, aponta para o deslizamento político desta modalidade defensiva: *"A 'grande nation' não consegue enfrentar a idéia*

---

18 Freud, Sigmund. (1895) Rascunho H: paranóia. Em: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996 . pp. 253-257

*de ter sido derrotada na guerra. Logo, não foi derrotada; a vitória não conta. Constituiu um exemplo de paranóia de massa e cria o delírio de traição.'"*<sup>19</sup>

Através desta apropriação, deste deslocamento conceitual, percebemos que o estilo paranóico, na política, evoca o estabelecimento de universos totalitários organizados em torno da construção de uma identidade identidade comum, do ódio à alteridade, racismo. Assim, a desconfiança em torno da construção de um inimigo é a base de toda a articulação paranóica, seja ela solitária, em seitas, religiões, ou, como vemos ao longo da história, nas mais variadas formas de governo. O paranóico, com a certeza das convicções necessária à sua defesa, constrói um delírio capaz de se coletivizar, tomando a forma do que Freud chamará de paranóia em massa. Nessa modalidade a liderança paranóica ocupa o lugar do ideal que a representa uma direção para as massas.<sup>20</sup>

A relação entre paranóia e política não é nova. Muito menos sobre a especificidade paranóica do eu. Uma pandemia global que coloca a vida humana em risco, aliada aos modos de (mal) viver que apontam para o fim do mundo, escancaram o perigo de uma época: um mundo está acabando por conta da degeneração - ela pode ser moral, no caso da direita, ela pode ser real, por conta do vírus.

Um interessante ensaio sobre como se encontra elementos de loucura<sup>21</sup> na política e na formação de subjetividades é o de Richard Hofstadter sobre

---

19 Freud, Sigmund. (1895) Rascunho H: paranóia. Em: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996 . pp. 253-257

20 "(...) Assim, o neurótico encontra nas formações de grupo lideradas por paranóicos o ideal no lugar da causa perdida, o que pode levá-lo ao pior. A partir disso, o paranóico coletiviza os neuróticos divididos (S), sempre à procura de alguma certeza, de alguém que lhes dê respostas e indique o caminho a seguir - nem que seja para contestar." (Quinet, 2006: 103).

21 Como demonstram Márcia Tiburi (2019), Enzo Traverso (2018), Eric Santner (1997), Richard Hofstadter (1965), Laure Murat (2012), Jorge Aléman (2017), Slavoj Žižek (2015), José Maria Álvarez (2008) e também Jacques Lacan (1968/2008), o discurso como laço social estrutura o poder e o poder tem características de organização subjetiva.



o estilo paranóico na política americana, em especial, na extrema direita americana. Um dos aspectos interessantes é apontar para a função das teorias de conspiração e o de revelação da verdade escondida trazida por esses movimentos. Outro aspecto é que ele situa essa questão principalmente na extrema-direita e em posições que podemos chamar de uma função paranóica na política como formação de comunidades e subjetividades. Não restringindo esse estilo aos Estados Unidos, mas restringindo sua análise aos Estados Unidos, ele apresenta uma série de teorias de conspiração que perpassou a formação política dos Estados Unidos e teve repercussão entre as massas: o movimento Anti-Maçônico e o movimento Anti-Catolicismo como conspirações internacionais para impedir a assunção do Estados Unidos como nação protetora das liberdades individuais e autônoma<sup>22</sup>; depois, as conspirações que perpassam sob a marca da invasão comunista e a alta traição globalista de membros do próprio Estados Unidos. Mais do que a dita ameaça comunista, o que está em jogo para essas políticas é a política da gestão do medo.

Uma marca desse empuxo à paranóia encontra-se neste recurso constante à uma teoria da conspiração que se fundamenta em elementos de uma visão maniqueísta do mundo, uma vez que descreve uma eterna luta entre as forças do bem e as forças do mal, liberdade versus comunismo. Assim se instaura a externalização de um inimigo necessário, sob o qual eu fortaleço minhas convicções. Trata-se da necessária construção do inimigo, da divisão entre "nós" e "eles".

O estilo paranóico na política aponta para a

---

<sup>22</sup> Moreover, we need not dismiss out of hand as wholly parochial or mean-spirited the desire of Yankee Americans to maintain an ethnically and religiously homogeneous society, nor the particular Protestant commitments to individualism and freedom that were brought into play. But the movement had a large paranoid infusion, and the most influential anti-Catholic militants certainly had a strong affinity for the paranoid style. Hofstadter, Richard. *The Paranoid Style in American Politics: An Essay: from The Paranoid Style in American Politics (Kindle Single) (A Vintage Short)*. Knopf Doubleday Publishing Group. Kindle Edition.

relação de suspeita que se estabelece com seu inimigo, sob permanente sentimento de ameaça, embasando e encorpendo a fantasia conspiratória necessária para o ultrapassamento da ação política. Assim o estilo paranóico promove a gestão do medo social, econômico e político com sérias implicações ideológicas; trata-se da necessária construção de um outro externalizado e encarnado capaz de ameaçar destruir a segurança estabelecida de um modo de vida, ameaçar um modo estabelecido de gozo. É justamente a construção e encarnação deste Outro-inimigo-hostil que organiza e dá sentido às nossas ações e pensamentos. No caso atual, assistimos como o neoliberalismo na sua retórica defensiva emula o comunismo com um inimigo necessário para justificar os seus ultrapassamentos simbólicos.

Vemos isso ser manipulado de maneira cínica pelo presidente dos Estados Unidos e estúpida pelos celerados Chanceler e filhos do presidente brasileiro quando insistem em dizer que o vírus é chinês, gerando onda de protestos contra as embaixadas chinesas. Cínica pelos Estados Unidos porque, como já dito, acusa a China, mas compra seus equipamentos e vende soja para eles tomando conta de um mercado que era do Brasil; estúpida pelo Brasil porque além de perder mercado, é envergonhado sistematicamente pelo Embaixador Chinês no Brasil, deixando a população sem os equipamentos necessários para enfrentar a pandemia.

O estilo paranóico como marca neoliberal, tem consequências políticas e ideológicas perigosas. E é justamente essa marca que faz com que sejamos céticos em relação aos filósofos e críticos que apontam para a queda da lógica neoliberal na lona da pandemia. Ao contrário, os efeitos paranóicos em torno do discurso do vírus podem ter efeitos políticos mais catastróficos na medida em que o uso do vírus pode ser justificativa para a adoção de regimes políticos autoritários e recrudescimento

de políticas econômicas de austeridade que só interessam ao mercado financeiro.

Esta lógica é algo que podemos encontrar em diversos locais governados pela extrema-direita que defende os princípios do neoliberalismo indo na direção de ter ocasião de concentração de poderes nas mãos de uma pessoas ou de um partido, mas com verniz de decisão democrática. Na Hungria, o presidente de ultra-direita Viktor Orbán conseguiu autorização do parlamento - no qual tem a maioria - para governar por decreto e prender quem divulgar informação falsa sobre a pandemia<sup>23</sup>. A oposição acredita que esta é uma ocasião que o governo possa ter de prender adversários políticos. Neste tempo ilimitado de estado de emergência também não poderá haver eleições ou referendos na Hungria. Detalhe: as eleições parlamentares iriam acontecer somente em 2022. Ou é uma futurologia muito precisa ou ele realmente pretende sustentar um poder ilimitado por um tempo razoavelmente longo, sem a participação ou possibilidade de contraditório, em uma vertente matizada ou nós, ou o caos. Esta é uma prova de que o neoliberalismo não se apóia somente em regimes democráticos. Aliás, Friedrich Hayek, em relação ao Chile, declarou que preferia "uma ditadura liberal, em vez de um governo democrático desprovido de liberalismo".

Já nos Estados Unidos encontramos o aumento do isolacionismo nacionalista. É notoriamente conhecido que a política de Donald Trump sempre foi de fechamento de fronteiras para os latinos e indesejados, como era sua proposta de campanha de ampliação do muro entre Estados Unidos e México que deveria ser pago, segundo ele, pelos mexicanos. Curiosamente, o presidente do Brasil concorda que os Estados Unidos deve fechar suas fronteiras aos imigrantes brasileiros e pode reportar de maneira desumanitária os cidadãos

---

23 <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/03/30/hungria-parlamento-da-a-orban-poder-de-governar-por-decreto.ghhtml>

brasileiros que lá foram presos pela polícia de imigração. Trump declarou que suspenderia, para o enfrentamento da pandemia, a imigração para os Estados Unidos com a seguinte retórica: "À luz do ataque do Inimigo Invisível e também pela necessidade de proteger os empregos dos nossos GRANDES Cidadãos Americanos, eu vou assinar uma ordem executiva para suspender temporariamente a imigração aos Estados Unidos"<sup>24</sup> <sup>25</sup>. Mas o curioso é a retórica de um Inimigo Invisível (com as iniciais em maiúscula, apontando sua importância), que está em todos os lugares e que deve ser combatido não para a proteção da vida - sem levar em consideração que o vírus é sem fronteira<sup>26</sup> - mas para proteger o emprego! De quem? Dos GRANDES Cidadãos Americanos (agora, a primeira palavra com todas as letras em maiúsculas, fazendo uma clara ligação entre os que podem ser considerados cidadãos com o slogan de sua campanha e governo). O discurso transfere sub-repticiamente o vírus para a lógica do inimigo e identifica o estrangeiro como aquele que não vai somente contaminar a outros com o vírus, mas vai ser trazido pelo imigrante que ameaça com a perda de empregos e a grandeza dos Estados Unidos.

Aqui, vemos outra utopia neoliberal ser realizada: se a financeirização é global, a contenção de seus efeitos - empregos precários - deve ser individualizada e a responsabilidade é ou dos países ou dos imigrantes que não fazem parte da aldeia global - a não ser como pessoas a serem exploradas em países periféricos ou como trabalhadores sazonais nos grandes centros, como demonstra a falta de trabalhadores nas colheitas

---

24 <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/1252418369170501639?s=20>

25 <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/04/20/trump-diz-que-vai-suspender-imigracao-aos-eua-temporariamente.ghtml>

26 Sem fronteira, com certeza. Mas também não podemos esquecer que a pandemia, como diz David Harvey, é uma pandemia de "classe, gênero e raça" (2020:21). E sabemos exatamente quem são as principais vítimas...

em países da Europa<sup>27</sup>, a ponto da ministra da agricultura italiana tentar legalizar todos os imigrantes estrangeiros irregulares para ajudar nas colheitas. Nada como uma pandemia para mostrar, por outro lado, que a produção precisa de um elemento essencial: trabalhadores. Mas, aqui também se revela claramente o discurso xenófobo, vemos que são os trabalhos braçais, aqueles que os grandes centros não querem realizar. E, como desgraça pouca é bobagem o deputado Alessandro Morelli de extrema direita afirma que isso é uma proposta de esquerda para "explorar a emergência sanitária para levar a cabo uma anistia..".

Mas na esteira do vírus, do fechamento de fronteiras, da localização de inimigos vem junto na realização do terror, o culto à Nação. Ele pode ser mais brando se visto apenas do lado dos fechamentos das fronteiras; medianamente se visto pela extorsão dos países mais vulneráveis pelos mais poderosos financeira e militarmente; e bem severa quando se coloca que a pandemia atende ou a interesses de outros países ou a destruição de governos. Vemos aqui o terror proporcionar uma política claramente paranóica em que, diante da ameaça do fim do mundo, mobiliza-se as massas em defesa do interesse nacional, mesmo que isso leve à morte de milhares. Neste sentido é que o presidente do (des)governo brasileiro pode dizer que defende o fim do isolamento social, na medida em que esse isolamento atrapalha a economia nacional, prejudicando o que ele acredita ser o carro chefe de sua gestão: a economia. "Alguns vão morrer, mas não se pode parar uma fábrica de automóveis porque tem mortes no trânsito"<sup>28</sup>, diz ele como se as mortes desses fossem inevitáveis e, logo, melhor não se importar com quem não tem

---

27 "A cada ano, a Europa necessita de 800 mil a um milhão de trabalhadores temporários no campo, muitos deles estrangeiros <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/04/20/imigrantes-colheitas-europa.htm?fbclid=IwAR2PWU7kMvgX3tuUYoblIDcWb9nJMq99TXoZ-1vQPUnp01UNgJgz6J-3k0>

28 <https://catracalivre.com.br/cidadania/alguns-vaio-morrer-lamento-e-a-vida-diz-bolsonaro-sobre-Coronavirus/>

importância, ampliando a gama de pessoas matáveis. Assim, defender o isolamento nesta pandemia, na lógica paranóica de Bolsonaro, é defender a sua queda. Argumento este que justificou a recente queda do ministro da saúde.

Como consequência desses discursos vemos carreatas acontecendo em todo o mundo, onde pessoas sem cuidado, sem manter o distanciamento, repetem teorias conspiratórias: "estão escondendo a cura ou a vacina", "o objetivo é a derrubada do governo", "uma articulação entre comunistas e outros países para instalação de uma ditadura e que para evitar isso somente uma re-edição do AI-5, dispositivo da ditadura militar".

O governo, em seu estilo paranóico, mobiliza diversos terrores, levando os sujeito a atuar contra eles mesmos em nome do resgate da nação. No Brasil, uma série de comerciantes e empresários, além de diversos de trabalhadores de suas empresas saem em carreatas dos contra o "vírus chinês" ou "vírus do partido comunista chinês". Nada muito diferente do que vimos sair da boca do presidente do Brasil ou dos Estados Unidos - uma parceria muito peculiar entre os presidentes.

A cena ganha cotidianamente contornos negacionistas cada vez mais dramáticos através dos efeitos desta sedução totalitária: uma série de evangélicos neopentecostais, não somente jejuaram um dia em busca da cura, mas também foram às ruas de diversas cidades, se ajoelhar em oração, orientados por pastores que demandam a autorização para continuarem com os cultos - e a cobrança do dízimo, claro. Estes defendem o fim do isolamento social com a afirmação de que há uma conspiração contra não somente o presidente, mas contra o país e os valores tradicionais e cristãos. Esta gestão do medo explica que, a despeito de toda essa distopia e de resultados pífios da economia brasileira, o presidente continua ainda com 35% de aprovação.

Vemos que a solidariedade é deixada em segundo plano quando o cuidado do outro passa pela lógica

individualista a ser responsabilidade somente dos indivíduos e não do Estado. Afirmarões de que quem tem que cuidar de idosos é a família são cada vez mais recorrentes. Vemos como a lógica neoliberal quer deixar o sistema financeiro livre para a exploração, mas fechado para qualquer ajuda ao outro.

A figura do presidente incita cotidianamente o negacionismo e a lógica do inimigo através de comportamentos e declarações. Ampliando a gama de inimigos e localizando um futuro glorioso, o presidente da República do Brasil participa de eventos a favor do fechamento de outros poderes constitucionais em nome do povo. *"Eu estou aqui porque acredito em vocês. Vocês estão aqui porque acreditam no Brasil. Nós não queremos negociar nada, nós queremos é ação pelo Brasil. O que tinha de velho ficou pra trás, nós temos um novo Brasil pela frente. Todos sem exceção no Brasil têm que ser patriotas e acreditar e fazer a sua parte pra que nós possamos colocar o Brasil no lugar de destaque que ele merece. Acabou a época da patifaria. É agora o povo no poder. Mais que o direito, vocês têm obrigação de lutar pelo país de vocês. Todos no Brasil têm que entender que estão submissos à vontade do povo brasileiro. Chega da velha política. Agora é Brasil acima de tudo e Deus acima de todos"*<sup>29</sup>. No dia seguinte a esta declaração, em entrevista em frente ao Palácio do Planalto, ao defender que é um democrata e respeita a constituição e os outros Poderes, comete um pequeno ato falho: *"Eu sou a Constituição"*<sup>30</sup>, diz. Trata-se de um presidente que busca a permanência do conflito para justificar seu lugar de autoridade, já que o conflito lhe serve apenas para testar aliados e poder de influência. Trata-se de um presidente que diz abertamente não negociar nada, que anuncia a derrocada do velho

29 <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-participa-de-ato-em-brasilia-e-discursa-nao-vamos-negociar-nada/>

30 <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/democracia-e-liberdade-acima-de-tudo-diz-bolsonaro-apos-participar-de-ato-pro-golpe.shtml>

mundo e anuncia o novo em nome do povo. Trata-se de um presidente que convoca a todos a lutarem - e, quem luta, luta por alguma coisa; mas, aqui, luta principalmente contra algumas pessoas e ideologias, em nome de uma unidade nacional em que tanto a nação - o Brasil acima de tudo - quanto o resgate de valores tradicionais - Deus acima de todos, tem a primazia em relação à vida.

Aqui, o vírus deu ocasião para encarnar o inimigo não apenas nos estrangeiros - embora a lógica do vírus ser chinês se destaque nas falas do Chanceler brasileiro para quem a China quer destruir o "ocidente judaico-cristão" - mas, principalmente entre os próprios políticos - identificado como a velha política neste discurso. A antipolítica de Bolsonaro combate a diferença, tal como o próprio vírus, excluindo do poder e da nova ordem todos aqueles que não se curvarem ao bolsonarismo e que, por isso, não são patriotas.

As consequências destes comportamentos do referido presidente e de todo seu governo apontam para além de um arroubo autoritário de quem está no poder, aparecem nas ideias de controle que não tardam a aparecer vindo do cidadão comum. Um exemplo disso é o caso recente da socialite e empresária Cristiane Deyse Oppitz<sup>31</sup>, cujo endereço em seus Instagram aponta claramente sua posição como alguém (@direitadeyseoppitz) divulga um vídeo nas redes sociais dizendo o seguinte: "As pessoas que não querem sair do confinamento, as pessoas que não querem trabalhar, que não querem fazer a economia girar porque o mais importante é a vida, marquem com um maço vermelho na porta, ou quando forem sair coloquem uma fita, por qualquer motivo, um médico, uma coisa vermelha. Aí nós vamos identificar você como uma pessoa que não quer fazer parte desse grupo que não quer trabalhar. Então, você não vai ser assistido em momento algum. Você não vai ter médico, você não vai ter farmácia,

---

31 <https://revistaforum.com.br/Coronavirus/nazismo-socialite-bolsonarista-quer-marcas-pessoas-em-isolamento-social-com-fita-vermelha-veja-video/>



*supermercado, o porteiro não vai poder te atender por conta da marca na sua porta, você vai ficar em isolamento. Total. Até que passe esse grande vírus. Assim toda alimentação produzida vai para as pessoas que estão contribuindo e não para as que não querem contribuir."*

A lógica do inimigo aqui ganha contorno da humilhação pública. A todos que sempre acham que um vídeo de uma socialite é apenas uma caricatura devemos responder que são essas caricaturas que não foram consideradas nos debates anteriores a 2016. O presidente que era deputado na época era caricatural; os membros do Movimento Brasil Livre eram caricaturais em suas manifestações conspiracionistas. Mas, hoje, são essas manifestações que estão à frente do governo do governo anunciando não somente que temos um inimigo, que estamos em guerra, que um mundo novo está se descortinando e que aqueles que a ele se opõem devem ser identificados, desprezados por não aderirem à ordem unida. Serem marcados com uma fita de identificação é da ordem do que Lacan chama de lei de ferro: uma oposição marcada entre eles e nós que leva não somente à segregação, mas ao extermínio do outro. É o que encontramos nos sonhos do Reich analisado por Charlotte Berardt: sonhos e falas de pessoas comuns podem revelar melhor a estrutura das relações de poder do que a análise direta dos projetos políticos. Ler um com o outro não é sem importância e deve nos servir de alerta. Pois o que encontramos é a estrutura paranóica que, dentro de um discurso de precarização dos laços, pode nos levar ao pior.

Vemos alertas de mudança no mundo também proveniente de diversos cientistas<sup>32</sup>. A

---

32 <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-13/como-o-Coronavirus-vai-mudar-nossas-vidas-dez-tendencias-para-o-mundo-pos-pandemia.html>

historiadora Lilia Schwarcz<sup>33</sup> é mais comedida ao falar de um fim do século XX que seria marcado pela pandemia como um evento. Não chega a fazer projeções para o futuro, mas demarca o fim de um mundo e o surgimento de outro.

Mas o que mais nos chama a atenção é um exercício de futurologia, em que se afirma que o mundo anterior acabou e que o próximo já está em gestação. Tal predição, muitas vezes não atenta para o fato de que este discurso pode levar à uma radicalização do que já está acontecendo como a realização de uma utopia neoliberal. É um cuidado que temos que tomar, uma vez que diante do terror, há uma disputa em torno desse novo mundo. A narrativa biológica não deixa de fazer suas projeções, mesmo a despeito das grandes contribuições que vem dado na informação sobre o novo Coronavírus para a grande maioria da população: *"O mundo mudou, e aquele mundo (de antes do Coronavírus) não existe mais. A nossa vida vai mudar muito daqui para a frente, e alguém que tenta manter o status quo de 2019 é alguém que ainda não aceitou essa nova realidade (...) Mudanças que o mundo levaria décadas para passar, que a gente levaria muito tempo para implementar voluntariamente, a gente está tendo que implementar no susto, em questão de meses"*<sup>34</sup>. Curiosamente, ele aponta para implementação de mudanças no susto. Susto, por sua vez, é uma das definições que Freud traz do terror. Este terror que pode levar ao pior. E que se temos que aceitar essa nova realidade, temos que ver em torno de qual discurso ela vem se sustentando, principalmente quando estamos às voltas com o destino do laço social. E, na mesma reportagem

---

33 "O professor de história terá que lidar com o fato de que a pandemia poderá marcar o final de um século e começo de outro, como também conseguiu parar o mundo em tal atividade e com tal rotatividade, e com tanta velocidade. Nós aceleramos muito, e agora tivemos que parar" (Schwarcz, 2020). <https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/Coronavírus-100-dias-que-mudaram-o-mundo/#tematico-3>

34 <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-13/como-o-Coronavírus-vai-mudar-nossas-vidas-dez-tendencias-para-o-mundo-pos-pandemia.html>

em que encontramos essa fala, encontramos também uma listagem de dez aspectos que mudarão devido à pandemia e que passa a ser considerado como um fato inquestionável. Mas, como veremos abaixo, ao afirmarem isso, afirmam o neoliberalismo como a saída para crise não apenas como preceito econômico, mas como modo de viver. E, isto, diante do terror e do estilo paranóico de fazer política, traz riscos consideráveis para o laço social.

Pessoas que se identificam como futuristas - que, na verdade, são operadores de marketing e finanças - apontam para mudanças às quais devemos nos adaptar para não perdermos nossa capacidade de inovação. Ora, mas quais são essas mudanças que os futuristas apontam como uma alteração do status quo? Clayton Melo irá elencar dez que agrupamos em dois tópicos e que, ao nosso ver, demonstram que esta mudança de status quo não leva em consideração o capitalismo neoliberal:

1 - Experiências virtuais: segundo os futurólogos, teremos uma mudança nos modos de experiência a partir da pandemia. Em vez de shows presenciais, sair para comer em restaurantes, termos cursos e formação em escolas ou nos deslocarmos para trabalhar ou fazer compras, todos iremos fazer isso remotamente. A pandemia teria, assim, mudado para sempre as relações entre as pessoas, onde os encontros serão cada vez mais raros. Esta ideia que é vendida como uma inovação tem dois problemas e uma consequência. A ideia dos restaurantes, experiências culturais, ambientes de trabalho/escolas ou até mesmo ruas de lojas como ambiente de convivência e de possibilidades de encontros é deixada de lado, aumentando ainda mais a segregação e isto não é novo no capitalismo como demonstra Evgeny Morozov em Big Tech (2018): há um laço profundo entre neoliberalismo e digitalização da vida de modo a todos virem a cada vez mais a se

isolar<sup>35</sup>. Isto traz um aumento da precarização do trabalho em que a exploração passa a não ter mais os sindicatos como espaço de luta para melhores condições de trabalho. A flexibilização leva ao sujeito a ter o seu tempo de lazer/descanso invadido pelo tempo de trabalho, como demonstrou Sadi dal Rosso em "O ardil da flexibilidade", fazendo com que o sujeito acabe trabalhando 24 horas por 7 dias<sup>36</sup>, como de certo modo já acontece nesta pandemia com os trabalhos em home-office e, há mais tempo, com os trabalhadores de aplicativos. A educação à distância já tem empresas dedicadas a ela e que acabam gerando uma gama de cursos que podem ser acessados de todo e qualquer lugar, mas que retiram por outro lado, a necessidade de contratação de professores, que se torna supérflua, fato que a médio prazo pode prejudicar a formação de educadores e pesquisadores. Lojas virtuais, sejam restaurantes ou de outra natureza, acabam gerando uma legião de desempregados e o consumo será somente para aqueles que terão condições de ter uma boa rede de wi-fi. É evitar que os encontros e, principalmente, as associações de pessoas para encontrar alternativas para o terror e para o discurso que se pretende não apenas como hegemônico, seja possível. É tornar razoável e desejável uma segregação defendida pelo discurso neoliberal, mas agora sob a máscara do risco da doença. Bater

---

35 "O modelo de capitalismo 'dadocêntrico' adotado pelo Vale do Silício busca converter todos os aspectos da existência cotidiana em algo rentável: tudo aquilo que costumava ser o nosso refúgio contra os caprichos do trabalho e as ansiedades do mercado. Isso não ocorre apenas pela atenuação da diferença entre trabalho e não trabalho, mas também quando nos faz aceitar tacitamente a ideia de que nossa reputação é uma obra em andamento - algo a que podemos e devemos nos dedicar 24 horas por dia, sete dias por semana. Dessa maneira, tudo vira um ativo rentável: nossos relacionamentos, nossa vida familiar, nossas férias e até nosso sono (agora você é convidado a rastrear o sono, a fim de aproveitá-lo o máximo possível)" (Morozov, 2018: 34).

36 "O processo de flexibilização das horas assinala apenas a especificidade de a distribuição das horas laborais ser maleável, não implicado sua diminuição. O alvo das empresas, muito almejado e nem sempre atendido, é fazer com que o trabalhador e a trabalhadora sejam, em si, flexíveis. A flexibilidade transformaria os momentos da vida, sem necessariamente diminuir a jornada de trabalho" (Dal Rosso, 2017: 11). Dal Rosso, Sadi. O ardil da flexibilidade: os trabalhadores e a teoria do valor. São Paulo: Boitempo, 2017.

perna em ruas de compras é também encontrar o inesperado e o que será apagado do campo de visão: os vagabundos, mendigos, diletantes, prostitutas, pobres, andarilhos, proxenetas. Ou seja, a rua em seu esplendor.

O vírus, por conta do pânico da contaminação, tornar o que já era projeto da digitalização neoliberal em uma natureza da não convivência. A resistência a esta retórica acabou. O anúncio das boas novas é a morte de um mundo e a construção de outro.

2 - Consumo e Trabalho. O consumir por consumir sairá de moda, porque o modelo de capitalismo pode ser questionado a partir de uma revisão de valores, tais como a ajuda a idosos no meio da pandemia e, além disso haverá uma busca por novos conhecimentos para se inserir no novo mercado, através de uma reconfiguração do espaço do comércio que diminua o medo de aglomerações, o que levará a pessoas a buscarem moradia perto de seus trabalhos para evitar grandes deslocamentos pela rua. Ora, essa boa nova em um mundo pós-pandemia aponta tão somente para uma crítica do capitalismo, mas não uma alternativa ao capitalismo. A crise é o coração do capitalismo, como demonstra essas diretrizes de mudança<sup>37</sup>. O que há é um acirramento da concentração de renda em torno de algumas pessoas que, para não se deslocarem muito e procurarem morar perto dos trabalhadores, vão gentrificar regiões, levando os precarizados para mais longe de seus trabalhos cada vez mais intermitentes e, como vemos a digitalização servirá apenas para a uberização das relações trabalhistas. Então, se há um mundo novo no sentido do consumo e trabalho é tão somente para aqueles que poderão consumir e ter o mínimo de trabalho. Uma das consequências do vírus é a consolidação do precariado, como uma classe genuína orientada para o fascismo e não

---

37 "Crises são essenciais para a reprodução do capitalismo" (Harvey, 2016: 9)

mais apenas em formação, como diria Guy Standing, levando a uma dificuldade da experiência do comum<sup>38</sup>, em que a solidariedade, como a ajuda aos idosos demonstram, se torna individual e não a formação de políticas públicas. É apenas a radicalização de um processo de individualização das ações, que segue a lógica neoliberal de ampla concorrência a favor do livre mercado.

### **Há tempo para outras utopias**

O processo de um pensamento paranóico que faz todas as conexões sem freio, que aponta para um mundo novo que se erguerá dos escombros deste causado pela degradação, pode nos colocar, tal como Eric Santner parafraseando Walter Benjamim, em alerta para o perigo. Afinal, a situação pandêmica, aliada à nossa situação política mundial, já nos leva a um forçamento do sentimento de nação que deve ser defendida. Fronteiras são fechadas e uma guerra econômica já começa a ser travada para a compra de equipamentos chineses de proteção individual. Se o capitalismo financeiro permitiu a migração de empresas para os países em que a proteção ao trabalhador é cada vez mais precária, hoje o país quem tem o maior capital financeiro e militar compra de seu principal adversário todos os equipamentos possíveis. O alerta de Santner era para o vínculo que podemos encontrar não somente entre paranóia e neoliberalismo, mas entre a paranóia, o neoliberalismo e o fascismo como o detentor da guarda desse novo mundo que deve destruir o outro. Se o seu alerta se dá no momento em que havia uma não localização clara para um novo inimigo no

---

38 "Um dos temas era que os países deveriam aumentar a flexibilidade do mercado de trabalho, o que passou a significar uma agenda para a transferência de riscos e insegurança para os trabalhadores e suas famílias. O resultado tem sido a criação de um 'precarizado' global, que consiste em muitos milhões de pessoas ao redor do mundo sem uma âncora de estabilidade. Eles estão se tornando uma nova classe perigosa. São propensos a ouvir vozes desagradáveis e a usar seus votos e seu dinheiro para dar a essas vozes uma plataforma política de crescente influência. O verdadeiro sucesso da agenda 'neoliberal', aceita em maior ou menor grau por todos os tipos de governos, criou um monstro político incipiente. É necessário agir antes que o monstro ganhe vida" (Standing, 2019: 15)

pós-guerra fria, hoje se dá pela afirmação de que se o inimigo - o vírus e aqueles que o transmite - está em todos os lugares, aumenta-se o risco de que a utopia de um controle total por meios de digitalização, leve a um processo maior de precarização dos laços e de anulação dos sujeitos<sup>39</sup>.

Neste mundo pós-pandemia, o que alguns autores trazem não é a mera preocupação com as alterações comportamentais, mas os riscos de se aprofundar o pior, não somente em termos de saúde, mas nas relações sociais e de processos de subjetivação. Mas, por outro lado, apontam que, mesmo diante de uma situação crítica, este tempo de suspensão pode ser uma possibilidade de encontrarmos outras alternativas à lógica paranóica que está gerindo a política mundial. É desta suspensão temporal que Achille Mbembe vai falar ao criticar que nesta pandemia o risco é de que a conta recaia sempre sobre os mais vulneráveis. E que a digitalização não pode ser considerada uma possibilidade de futuro para as relações sociais, mas é justamente o aumento de possibilidade de novas segregações. Mbembe chama o uso atual excessivo de webconferências e home-office - e, poderíamos acrescentar, as lives dos artistas - de uma trincheira em que muitos se refugiaram de uma ilusão de segurança e que sem o cuidado de todos e da biosfera iremos acentuar as injustiças e a violência da concorrência amparado nos princípios utópicos do neoliberalismo.<sup>40</sup>

---

39 "A nostalgia do mundo mais ordeiro das angústias da guerra fria parece ser a nostalgia de uma paranóia em que o perseguidor tinha um rosto mais ou menos reconhecível e uma clara localização geográfica. Embora eu não faça nenhum esforço por estabelecer vínculos explícitos entre a paranóia 'pré-fascista' de Schreber e nossa variedade 'pós-fascista', meu trabalho está imbuído da preocupação de que, quando existe uma cultura de paranóia, pode não estar muito longe de um fascismo deste ou daquele tipo" (Santner, 1997: 12).

40 "O horizonte, visivelmente, está cada vez mais sombrio. Preso em um cerco de injustiças e desigualdade, boa parte da humanidade está ameaçada pela grande asfixia, e a sensação de que nosso mundo está em suspenso não para de se espalhar. Se, nessas condições, ainda houver um dia seguinte, ele não poderá ocorrer às custas de alguns, sempre os mesmos, da Antiga Economia. Ele dependerá, necessariamente, de todos os habitantes da Terra, sem distinção de espécies, raça, gênero, cidadania, religião ou qualquer outro marcador de diferenciação. Em outras palavras, ele só poderá ocorrer ao custo de uma ruptura gigantesca, produto de uma imaginação" (Mbembe, 2020)

Maurizio Lazzarato irá apontar também para a dimensão temporal ao falar da necessidade e possibilidade de recomeço que o fim da pandemia irá exigir para aqueles que já estão sufocados, tanto pela lógica neoliberal, quanto pela violência que o estilo paranóico traz para a política<sup>41</sup>. Aponta para algo importante: pensar porque ficamos sem perspectiva estratégicas - podemos dizer: novas utopias para confrontar a utopia neoliberal - após o eclipse das revoluções. Longe de considerarmos que o futuro já está definido e já prever as mudanças comportamentais desconsiderando os princípios utópicos que a sustentam, é impedir a possibilidade de um outro mundo que prescindida da lógica concorrencial e individualista, que leva aos estilos paranóicos de fazer política. E Lazzarato termina seu texto apontando para a direção de uma pluralização da luta de classes.

Retomando Žižek: ele não fala apenas na possibilidade de um vírus que possibilite uma sociedade alternativa baseada na solidariedade para dar, tal como nos aponta Enzo Traverso, uma nova utopia ao comunismo, mas sim de uma sociedade baseada na confiança nas pessoas e na ciência. No entanto, Žižek chama a atenção para o fato de que essa possibilidade de solidariedade, só se tornou possível por conta de uma catástrofe: a pandemia do novo Coronavírus que coloca a vida de todos em risco. Além de defender que organismos internacionais tenham poder executivo para além das nações, Žižek não vai esquecer, usando a metáfora dos golpes dos 5 toques de Kill Bill, que entre o golpe - a catástrofe da pandemia - e

---

41 "Mas é preciso recomeçar, porque o fim da pandemia será um início, em termos de luta de classes, muito duro. Vamos partir daquilo que foi visto nos ciclos de luta de 2011 e 2019/20, que continuam a manter diferenças significativas entre o Norte e o Sul. Não há nenhuma possibilidade de retomada política se ficarmos fechados na Europa. Temos que entender por quê os eclipses da revolução nos deixaram sem nenhuma perspectiva estratégica, e repensar o que significa uma ruptura política com o capitalismo hoje. Criticar os limites mais que evidentes de categorias que não dão conta minimamente da luta de classes em termos mundiais. Não abandonar essa categoria e organizar, ao contrário, a passagem teórica e prática da **luta** de classes, para **lutas** de classes, no plural. E sobre esta afirmação sibilina, me detenho" (Lazzarato, 2020).



a morte - a destituição do sistema capitalista - há um tempo<sup>42</sup>. Harvey também privilegia a dimensão do tempo ao perguntar: quanto tempo a pandemia vai durar, uma vez que ela pode levar ao aumento do desemprego, mesmo daqueles mais precários?<sup>43</sup>. Ele aponta que algumas consequências sobre o meio ambiente já se fazem sentir, como as consequências positivas da diminuição da emissão de gases sobre o efeito estufa por diminuição do transporte internacional para o consumo de turismo. E, de maneira próxima a Žižek, vê que a alternativa econômica passa pelas "únicas políticas que funcionarão, tanto econômica quanto politicamente, são muito mais socialistas do que qualquer coisa que Bernie Sanders possa propor e esses programas de resgate terão de ser iniciados sob a égide de Donald Trump, presumivelmente sob a máscara do "Make America Great Again". (Harvey, 2020:23).

Ora, o que os quatro autores estão apontando é que o terror trazido pelo novo Coronavírus pode ser uma oportunidade para uma outra utopia. Por isso o acento que eles colocam sobre o tempo.

---

42 "O que torna este ataque tão fascinante é o tempo que passa entre o momento do golpe e o momento da morte. Posso ter uma conversa normal desde que me sente em silêncio, mas estou sempre consciente de que no momento em que começo a andar, o meu coração explodirá e morrerei. Não é semelhante à ideia daqueles que especulam sobre como o Coronavírus pode provocar a queda do governo comunista chinês? Como se fosse uma espécie de 'técnica (social) de cinco pontos para explodir um coração' dirigida ao regime comunista do país; as autoridades podem sentar-se, observar e lidar com formalidades como quarentenas, mas qualquer mudança real na ordem social (como confiar nas pessoas) resultará na sua ruína. A minha modesta opinião é muito mais radical. A epidemia do Coronavírus é uma espécie de 'técnica de cinco pontos para explorar um coração' destinada ao sistema capitalista global. É um sinal de que não podemos continuar no caminho em que temos estado até agora, de que é necessária uma mudança radical". (Žižek, 2020 :44). Žižek, Slavoj. Um golpe como o de "Kill Bill" no capitalismo. Em: Davis, Mike et al. Coronavírus e a luta de classes. São Paulo: Terra sem Amos, 2020. pp.43-47

43 "Este modelo neoliberal assenta cada vez mais no capital fictício e numa vasta expansão na oferta de dinheiro e na criação de dívida. Já enfrenta o problema da insuficiente demanda efetiva para realizar os valores que o capital é capaz de produzir. Como poderia o modelo econômico dominante, com sua legitimidade reduzida e sua saúde delicada, absorver e sobreviver aos impactos inevitáveis do que poderia se tornar uma pandemia? A resposta dependia muito de quanto tempo a ruptura poderia durar e se espalhar, pois, como Marx apontou, a desvalorização não ocorre porque as mercadorias não podem ser vendidas, mas porque não podem ser vendidas a tempo." (Harvey, 2020:14) Em: Harvey, David. Política Anticapitalista em tempos de Covid-19. Em: Davis, Mike et al. Coronavírus e a luta de classes. São Paulo: Terra sem Amos, 2020. pp.13-23

No entanto, o que estamos trazendo aqui é que, se por um lado o futuro é um indecível e que vai precisar de um ato para que possamos forçar que ele vá em uma direção mais interessante, por enquanto a utopia neoliberal tem conseguido a mobilização paranóica, até mesmo por meio da violência, para acelerar sua realização diante do terror da pandemia. Saber da articulação entre a pandemia, o estilo paranóico e a política é um passo importante, junto a outros, para desmontar que um outro passo seja dado pela utopia neoliberal: a gestão fascista da sociedade.

### **Referências Bibliográficas:**

AFP. Infográfico - Revolta no Chile: razões que levaram às manifestações no país. Em: O Tempo. Publicado em 24 de outubro de 2020. <https://www.otempo.com.br/mundo/revolta-no-chile-razoes-que-levaram-as-manifestacoes-no-pais-1.2253512> Acesso em 24 de abril de 2020.

Aléman, Jorge. Horizontes neoliberales en la subjetividad. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2017.

Álvarez, José María. La invención de las enfermedades mentales. Madrid: Gredos, 2008.

Araújo, Ernesto. Chegou o coronavírus. Em: Metropolitica 17: Contra o Globalismo. Postado em 21 de abril de 2020. <https://www.metapoliticabrasil.com/post/chegou-o-comunav%C3%ADrus> Acesso em 22 de abril de 2020.

Beradt, Charlotte. Sonhos no Terceiro Reich. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

Brandelise, Camila e Rovani, Andressa. 100 dias que mudaram o mundo: para historiadora Lilia Schwarcz, pandemia marca fim do século 20 e indica os limites da tecnologia. Em: Universa. Publicado em 09 de abril de 2020. <https://www.uol.com.br/universa/reportagens->

especiais/Coronavírus-100-dias-que-mudaram-o-mundo/#tematico-3 Acessado em 24 de abril de 2020.

Carta Capital. Bolsonaro participa de ato em Brasília e discursa: "não vamos negociar nada". Em: Carta Capital. <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-participa-de-ato-em-brasilia-e-discursa-nao-vamos-negociar-nada/> Publicado em 19 de abril de 2020.

Carvalho, Daniel. "Eu sou a Constituição", diz Bolsonaro ao defender a democracia e a liberdade um dia após ato pró-golpe militar. Em: Folha de São Paulo. Publicado em 20 de abril de 2020. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/democracia-e-liberdade-acima-de-tudo-diz-bolsonaro-apos-participar-de-ato-pro-golpe.shtml> Acesso em 21 de abril de 2020.

Catracalivre. "Alguns vão morrer, lamento, é a vida", diz Bolsonaro sobre Coronavírus. Em: Catracalivre. Publicado em 27 de março de 2020. <https://catracalivre.com.br/cidadania/alguns-vaio-morrer-lamento-e-a-vida-diz-bolsonaro-sobre-Coronavirus/> Acesso em 20 de abril de 2020.

Chade, Jamil. Fronteiras fechadas fazem Europa sentir falta de imigrantes nas colheitas. Em: UOL. Postado em 20 de abril de 2020. <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/04/20/imigrantes-colheitas-europa.htm?fbclid=IwAR2PWU7kMvgX3tuUYoblIDcWb9nJMq99TXoZ-1vQPUnp01UNgJgzW6J-3k0> Acesso em 21 de abril de 2020.

Chul-Han, Byung. A sociedade do cansaço. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

Chul-Han, Byung. Psicopolítica. Belo Horizonte: Âyné Editora, 2018.

Dal Rosso, Sadi. O ardil da flexibilidade: os trabalhadores e a teoria do valor. São Paulo: Boitempo, 2017.

Foucault, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1996.

Freud, Sigmund. (1895) Rascunho H: paranóia. Em: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996 . pp. 253-257.

Freud, Sigmund (1920). Além do Princípio do Prazer. Em: Freud, Sigmund. Obras Completas. vol. 14. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1920. pp. 121-178.

Freud, Sigmund. (1919). O estranho. Em: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1996. pp. 237-270.

Harvey, David. Política Anticapitalista em tempos de Covid-19. Em: Davis, Mike et al. Coronavírus e a luta de classes. São Paulo: Terra sem Amos, 2020. pp.13-23.

G1. Trump diz que vai suspender temporariamente imigração aos Estados Unidos diante do inimigo invisível. Em: G1-GLOBO. Publicado em 20 de abril de 2020. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/04/20/trump-diz-que-vai-suspender-imigracao-aos-eua-temporariamente.ghtml> Acesso em 20 de abril de 2020.

Harvey, David. 17 contradições e o fim do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2016.

Hofstadter, Richard. The Paranoid Style in American Politics: An Essay: from The Paranoid Style in American Politics (Kindle Single) (A Vintage Short). Knopf Doubleday Publishing Group. Kindle Edition. 1965.

Jacob, François. O jogo dos possíveis. Lisboa: Gradiva, 1989.

Klein, Naomi. A doutrina do choque. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Lacan, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. pp. 537-590.

Lacan, Jacques. O seminário, Livro 16: De um outro ao Outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

Lazzarato, Maurizio. É o capitalismo, estúpido. Em: #PandemiaCrítica. nº16. São Paulo: n-1 edições, 2020.

Maleval, Jean-Claude. Lógica del delirio. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1998.

Mbembe, Achille. Necropolítica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Mbembe, Achille. O direito universal à respiração. Em: #PandemiaCrítica. nº20. São Paulo: n-1 edições, 2020.

Melo, Clayton. Como o Coronavírus vai mudar nossas vidas: dez tendências para o mundo pós-pandemia. Em: El País. Publicado em 13 de abril de 2020. <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-13/como-o-Coronavírus-vai-mudar-nossas-vidas-dez-tendencias-para-o-mundo-pos-pandemia.html> Acessado em 19 de abril de 2020.

Morozov, Evgeny. Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu, 2018.

Murat, Laure. O homem que se achava napoleão: por uma história política da loucura. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

Quinet, Antonio. Psicose e laço social: esquizofrenia, paranóia e melancolia - 2.ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

Reinhardt Koselleck. Posfácio. Em: Beradt, Charlotte. Sonhos no Terceiro Reich. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

Santner, Eric. A Alemanha de Schreber. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

Standing, Guy. O precariado: A nova classe perigosa. Belo Horizonte: Autentica, 2019.

Teodoro. Plínio. Nazismo: socialite bolsonarista quer marcar pessoas em isolamento social com fita vermelha. Em: Fórum. Publicado em 21 de abril de 2020. <https://revistaforum.com.br/Coronavírus/nazismo-socialite-bolsonarista-quer-marcas-pessoas-em-isolamento-social-com-fita-vermelha-veja-video/> Acesso em 21 de abril de 2020.

Tiburi, Marcia. Delírio do poder: Psicopoder e loucura coletiva na era da desinformação. São Paulo: Record. Edição do Kindle.

Traverso, Enzo. Melancolia De Esquerda. Marxismo, História E Memória. Belo Horizonte: Âyné Editora, 2018.

Trump, Donald. Post. Em: Twitter. Postado em 20 de abril de 2020. <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/1252418369170501639?s=20> Acesso em 20 de abril de 2020.

Valor. Hungria: Parlamento dá a Orbán poder para governar por decreto. Em: Valor. Publicado em 30 de março de 2020. <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/03/30/hungria-parlamento-da-a-orban-poder-de-governar-por-decreto.ghtml> Acesso em 24 de abril de 2020.

Veja. Jogador infectado que causou suspensão da NBA havia zombado do Coronavírus. Em: Veja. Publicado em 12 de março de 2020. <https://veja.abril.com.br/esporte/jogador-infectado-que-causou-suspensao-da-nba-havia-zombado-do-Coronavírus/> Acesso em 23 de abril de 2020.

Žižek, Slavoj. Problemas no paraíso: do fim da história ao fim do capitalismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.

Žižek, Slavoj. Um golpe como o de "Kill Bill" no capitalismo. Em: Davis, Mike et al. Coronavírus e a luta de classes. São Paulo: Terra sem Amos, 2020. pp.43-47.

Žižek, Slavoj. Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo (Pandemia Capital) . Boitempo Editorial. Edição do Kindle.

São João del-Rei - Belo Horizonte, 27 de abril de 2020.

**Roberto Calazans** é psicanalista, doutor em Teoria Psicanalítica pela UFRJ e professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei.

**Christiane Matozinho** é psicanalista, mestre em Fundamentos Teóricos e Filosóficos da Psicologia pela UFSJ, doutoranda em Estudos Psicanalíticos pela UFMG e professora da Faculdade de Nova Serrana/MG.